

Tragédia no Rio Grande do Sul e verão fora de época afetam indústria e varejo

Crise climática Com enchentes e altas temperaturas, empresas reveem estratégias locais e margens

Tragédia no RS e verão longo afetam indústria e varejo



Adriana Mattos
de São Paulo

Os impactos dos recentes eventos climáticos no país devem afetar os planos e os resultados das empresas nos próximos meses. A tragédia no Rio Grande do Sul já leva indústrias de consumo e varejistas a reverem estratégias comerciais locais. Além disso, as altas temperaturas fora de época mexem nas projeções de margens e no planejamento de ações táticas.

Essas questões foram abordadas, na semana passada, por analistas junto às empresas de capital aberto na divulgação de resultados do primeiro trimestre.

O desarranjo da economia gaúcha obriga as empresas não só a tomar medidas emergenciais iniciais — como a busca de novas rotas de entrega e fechamento de lojas des-

baixarem? Há uma cauda longa dos impactos desse desastre que as empresas terão de ficar atentas.

Nessa conta, já há consequências no resto do país. No sábado (11), durante visita da reportagem a lojas tradicionais de móveis, na rua Teodoro Sampaio, em São Paulo, funcionários alertavam sobre possíveis atrasos na entrega, e relatavam que fornecedores dependiam do estado das rodovias para manter os prazos.

Segundo o Climatempo, a expectativa é de chuvas mais fortes no Estado até quarta-feira (15).

Um dos movimentos esperados envolve ajustes em linhas de produção da indústria de outros Estados que atendem o Rio Grande do Sul, e também nos estoques de lojas. Deve

ser ampliada oferta local de materiais de construção, móveis e eletrodomésticos de primeira necessidade (refrigerador e fogão), quando a situação crítica passar, dizem fontes.

Num primeiro momento, ainda se projeta forte demanda por alimentos e bebidas, inclusive com possíveis novos movimentos de estocagem das famílias, temerosas de novas enchentes. O GPA, dono do Pão de Açúcar, definiu limites na compra de arroz, feijão, óleo e leite para garantir a disponibilidade.

Posteriormente, a demanda por produtos para construção e reformas de imóveis deve acelerar. Depois dos alimentos, esse setor deve ter o primeiro grande 'boom' de demanda", diz Tozzi.

A Quero-Quero, varejista gaúcha de construção, diz que o consumo maior dependerá da ajuda econômica do governo às famílias. É uma crise sem precedentes, e dependerá muito de ter renda disponível", diz o CEO Peter Furukawa.

Como o Valor antecipou na sexta-feira (10), há formatos de apoio sendo pensados pelo governo, e a

primeira opção seria nos moldes do auxílio dado na pandemia. Não há informações sobre valores.

Segundo Fabrício Garcia, da área comercial do Magazine Luiza, são 6 lojas da rede afetadas pelas chuvas, e será preciso atenção no atendimento da demanda quando a venda voltar, por conta de "alguma dificuldade de recebimento de produtos". As pessoas vão refazer suas casas. Com [a logística] se normalizando, há como atender os pedidos.

Paralelo a essa discussão, as indústrias e o varejo ainda têm debatido os efeitos das temperaturas recordes nos negócios. O verão deste ano já "invadiu" dois terços do período do outono brasileiro.

Sobre isso, a Riachuelo afirma que as margens no outono e inverno são mais altas que no verão, e com isso, o calor que não dá tréguas pode afetar a rentabilidade no segundo trimestre. O CEO da rede, André Farber, disse, na semana passada, que há medidas para tentar equilibrar esse efeito, como a venda do Dia das Mães, mas há um impacto negativo provável pelo verão persistente.

Na visão da direção da C&A, esforços de venda feitos há alguns anos, de produtos mais leves no outono e inverno, no lugar dos casacos pesados, ajudam a empresa a defender rentabilidade quando os termômetros sobem. Não dá para olhar esse cenário de forma isolada, diz Paulo Corrêa, presidente da rede. "É preciso ver toda a foto. Ainda há expectativa de um grande volume de venda em junho e julho, quando as frentes frias voltarem."

A Renner diz que pode perder volume de venda no segundo trimestre por causa da crise que abalou o Estado (2% das lojas do grupo no país estão fechadas), mas entende que se preparou para um verão mais longo, e não deve perder margem.

Leia mais sobre tragédia no RS na B4

18,3%
é o peso do RS no consumo brasileiro

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Finanças Caderno: B Pagina: 1